

PERCEÇÃO DE APLICABILIDADE DE CONCEITOS EM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SERGIPE

Janini de Oliveira Félix
(Universidade Federal de Sergipe)

RESUMO

Partindo das definições sobre educação ambiental, interdisciplinaridade e formação de professores o presente artigo constitui num trabalho com resultados da coleta de dados e opiniões realizado com 39 professores das redes de ensino municipal, estadual, federal e particular, alunos do curso de especialização em “Educação ambiental para formação de professores”, a pesquisa foi obtida no período de conclusão das aulas do curso. A finalidade é coletar dados sobre o perfil do corpo discente do curso de especialização considerando as interfaces dos ambientes individual, familiar e profissional. São abordados tópicos sobre o histórico da educação ambiental e sua interdisciplinaridade, bem como nuances comportamentais do educador acerca da problemática no processo de ensino. Para trabalhar com educação ambiental é necessário um detido estudo de ordem pessoal, pois o educador não é apenas um disseminador de conceitos e normas, ele é também produto das suas experiências. Dito isto, para transformar o ambiente externo é necessário que o indivíduo desenvolva e transforme o seu ambiente interno, a sua natureza interior. Logo, para atuar com o meio ambiente e trabalhar com a educação ambiental é imprescindível que o compromisso surja de forma não mecânica e espontânea, a partir de uma reflexão gradativa do ser enquanto “homem integral” e que ele faz parte do ambiente onde habita.

PALAVRAS-CHAVE: Educador. Ambiente. Transformação pessoal.

INTRODUÇÃO

Analisando os diversos problemas ambientais no mundo, a questão da degeneração do meio ambiente é das mais relevantes e se reporta a cada um de nós. Abordar a problemática do consumo e destino dos resíduos de produção no processo de educação é um desafio para o educador e educando, cuja solução passa pela compreensão do indivíduo como parte atuante no meio em que vive.

O presente projeto tem o objetivo de levantar dados referentes ao perfil do educador ambiental e abordar sobre alguns aspectos comportamentais destes docentes relacionados a medidas preventivas em prol do meio ambiente em seu entorno familiar/pessoal e profissional, consecutivamente ensejaremos a necessidade de uma reflexão por parte do indivíduo *educador*, com a questão ambiental. Transmitir conhecimento é engajar-se com a causa para que se desencadeie de maneira concreta a disseminação de informações e conhecimento, portanto, para que haja a formação de um educador ambiental é necessário que o indivíduo transforme a percepção diante da sua postura comportamental burilando a sua natureza interna, sendo assim, esta pessoa atuará de forma efetiva no seu ambiente externo como instrumento colaborador para a causa ambiental no planeta.

Neste contexto, foi feita a coleta de dados dos professores egressos do curso de especialização em Educação Ambiental para formação de professores, da UFS a fim de compararmos os resultados para traçar o perfil dos alunos de pós-graduação.

Dessa compreensão decorrem resultados em relação às opiniões dos participantes e para arremate final faremos considerações acerca de algumas nuances comportamentais que podem ser adotadas pelo educador como um referencial facilitador para o desenvolvimento da prática ambiental no seu entorno profissional.

Em consonância com o exposto destacamos a necessidade de uma mudança na postura do profissional para consigo mesmo vislumbrando a reforma da sua natureza interna, a possibilidade de se obter resultados efetivos na sua atuação com a natureza externa é bastante relevante. Neste ínterim, os alunos se beneficiam com o profissional que se preocupa em ampliar sua visão com a noção holística; ajuda a quebrar paradigmas tecnicistas e conservacionistas no processo de transmissão de conhecimento provocando a autonomia intelectual e individual no educando.

A despeito desses efeitos, apresentaremos vertentes da pedagogia de formação do educador que necessita refletir e interpretar a educação ambiental como um produto inerente à sua própria individualidade e não somente como uma produção cultural e sócio-ambiental. Por isso, é importante que se ampliem o conhecimento filosófico, epistemológico sobre os conteúdos multidisciplinares que possibilitam a visão de um todo, porque a educação ambiental está inserida em todos os âmbitos educacionais, além do seu entorno inato que é a consciência de “ser e agir”, ação e reação.

DESENVOLVIMENTO

O movimento ambientalista

Traçaremos um breve relato sobre o que seja o “movimento ambientalista”. Segundo CASCINO (2007, p. 30) o surgimento da manifestação ambientalista adveio durante a década de 60, período em que ocorreram os movimentos *Hippies*, o movimento negro (*Black Power*), a explosão do feminismo, o pacifismo, a liberação sexual com o surgimento da “pílula”, em seguida, as drogas, o *rock-and-roll* e as reivindicações anti-Guerra Fria, maio de 1968 foi considerado o divisor de águas.

Mas, há uma efetiva controvérsia desta afirmação, uma vez que o movimento ambientalista coincide com as grandes manifestações sociais, políticas, culturais e a emergente proliferação de processos de deterioração do meio ambiente, exemplo desta realidade, o risco nuclear, todavia, produto do sistema capitalista, seguido da Guerra Fria eclodida entre as superpotências, os Estados Unidos e a dissolvida União Soviética.

De acordo com CASCINO (2007, p. 36) As primeiras ações documentadas a respeito da questão ambiental foram publicadas em Roma, em 1968, através do exemplar intitulado “Os limites do crescimento”, texto que fez menção ao consumo e às reservas dos recursos minerais e naturais, assim como os limites de suporte/capacidade ambiental e a capacidade de o planeta suportar desgastes e o crescimento populacional. O objetivo desta obra foi de analisar o complexo de problemas que afligem os povos do planeta – pobreza em detrimento da riqueza, destruição do meio ambiente, crescimento populacional descontrolado, o desemprego, alienação da juventude, dentre outras problemáticas.

Dentro dessa lógica, citamos o documento da Primeira Conferência Mundial sobre o meio ambiente humano e desenvolvimento que arrematou através da Declaração de Estocolmo, princípios para o manejo racional e ecológico do meio ambiente, bem como a inserção destas questões na agenda internacional entre os países exportadores de tecnologia de ponta e os países até então, em desenvolvimento. Outro importante movimento para causa ambientalista foi o surgimento do *Greenpeace*, caracterizado pelas denúncias contra a destruição ao meio ambiente.

A educação ambiental

Enquanto aluna do ensino fundamental e médio, o conteúdo discorrido a respeito da temática ambiental era visto superficialmente como um jogo de interesses sociais, no tocante ao estético e visual, após o ingresso da especialização em Educação ambiental para formação de professores, sob uma ótica particular, foi observado uma necessidade do ser humano refletir sobre sua conduta consigo mesmo, vislumbrando as necessidades de caráter cognitivo, intelectual e espiritual, ou seja, transcendental, a fim de tornar-se um catalisador transformador perante às necessidades do ambiente externo que o circunda.

Vale destacar a carência de estudos que aprofundem o histórico da educação ambiental, assim como seus processos conjunturais que desencadearam o seu próprio surgimento e crescimento, seja em função do imediatismo pelo lucro, utilizado como estratégia e marketing, seja pela ausência de uma tradição ecologicamente sustentável que em suma, comumente utilizada como resgate de um processo que gerou o esgotamento dos recursos naturais.

Há diversas definições de E.A. como a citação adotada pelo Congresso de Belgrado, promovida pela UNESCO, em 1975:

“(...) formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e com os problemas que lhe dizem respeito, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permita trabalhar individualmente e coletivamente para resolver os problemas atuais e impedir que se repitam (...) (citado por SEARA FILHO, G. 1987)

Ademais, durante as primeiras descobertas da humanidade o homem reconhecia a existência de uma natureza, mas esta ainda encontrava-se dissociada de seu entendimento enquanto homem integral, em contrapartida, o homem da modernidade reconhece-se como agente transformador e destruidor do ambiente social e natural. A partir da Conferência

Internacional sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, RIO-92, surgiu então uma mudança nos paradigmas que orientavam a interpretação da estrutura social e das questões de produção e consumo de bens e serviços, a exploração seguida da deterioração dos recursos naturais e a mudança dos espaços de formação e educação da sociedade. Posteriormente, as sociedades adotaram uma nova roupagem dos parâmetros de interpretação da função e papel do homem perante a natureza, tentativa desta atitude foi o surgimento das organizações não governamentais (ONGs).

Neste ínterim, os problemas ambientais têm repercussão imensurável na sociedade, comunidades e grupos, pois as conseqüências destas questões são notórias, o homem entendeu que a deterioração do meio natural implicará em ameaça à sobrevivência humana, efeito “ação e reação”, prova disso, as catástrofes naturais ocorridas nos últimos cinco anos, manifestadas em proporções imensas distribuídas em todo o planeta. Neste contexto, a E.A. é utilizada como instrumento de uma linguagem que assume papel fundamental na disseminação das questões ambientais, através da mídia, instituições governamentais e não governamentais, dentre outros veículos de interesse nesta temática.

Entretanto, há uma contra lógica da utilização da E.A. como disciplina formal limitando o seu espaço de atuação, criação de idéias e estruturas para serem geridas num espaço macro, o que termina delimitando-se em locais restritos e superficiais, “exemplo motriz” desta realidade são as dinâmicas sobre reciclagem de lixo orgânico e inorgânico, em geral, propostas em formato de gincanas com prazo inicial e final, dinâmica esta que fragmenta o foco intencional, restringindo a uma proposta lúdica, válida, porém, fragmentada e inconsistente.

A inserção da educação ambiental na educação formal se tornará realidade desde que haja uma integração de forma sistêmica, que apreenda a relação entre os fins e demanda por meio de instrumentos metodológicos de ensino. A educação ambiental precisa estar presente nas diretrizes curriculares brasileiras para definir a sua finalidade de educar com valores que dignifiquem o meio ambiente onde estamos inseridos, pois a E.A. tem sido interpretada erroneamente como um meio inócuo de descrever o que enseja a natureza e como devemos preservá-la superficialmente.

É notório deparar-se com a E.A. sendo utilizada para mencionar conceitos de cunho ecológico, de forma fragmentada, descontextualizada e primária, observamos os currículos

escolares que ensejam conteúdos direcionados à ecologia sumamente importantes para o desenvolvimento social, intelectual e cultural dos alunos contrapondo-se à forma fracionada, que não condizem com a realidade dos indivíduos de uma sociedade e igualmente, os alunos de uma comunidade, pois o assunto é visto relacionado apenas com as questões dogmáticas.

Trabalhar com educação ambiental é redimensionar as interfaces de diversos ambientes em que está situado o agente colaborador, o professor, requer um repensar de currículos, usar o bom senso para utilizar espaços e tarefas educacionais ocasionando a transformação comportamental da sociedade e da educação.

Segue um fragmento extraído do artigo de FLIK, atualmente Coordenadora do Núcleo de Extensão e Assuntos Comunitários da Pró-Reitoria de Extensão-PROEX da Universidade do Sudoeste da Bahia-UESB e Professora da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da UESB:

(...)Dentre todas as áreas da educação nenhuma tem uma convocação tão urgente, tão intensamente globalizadora quanto a Educação Ambiental. Singular em seu perfil integrador e catalisador de tantos outros arcos do saber emana efeitos desastrosos quando a dinâmica do seu objetivo é inócuo. Efeitos esses, que desprovidos de qualquer eufemismo, aliados à falta de consciência crítica da sociedade, superdimensionam os problemas ambientais e seus segmentos: econômicos, políticos, tecnológicos, científicos e socioculturais. (...)

Dito isto, para que aconteça a mudança comportamental do homem na natureza através da educação ambiental é necessário o envolvimento de uma transcendência individual, mudança consciencial e de valores perante a necessidade de mudança na sociedade em relação ao planeta. O homem já percebeu esta necessidade que se transformou num conflito no sentido de que é preciso o fator tempo para que o indivíduo e o sistema capitalista se adaptem aos novos padrões de equilíbrio ambiental e econômico.

A educação ambiental na formação de professores

Nesta perspectiva, o perfil educacional que almejamos desenvolver propõe um contorno nos moldes de um aprendizado cognitivo que exijam ações em prol do meio ambiente de maneira individual e coletiva construindo a relação entre os indivíduos abarcados na comunidade escolar destacando a função do educador, para a formação do novo ser sócio-ambiental.

De acordo com COSTA, (2002, p. 26) o papel do educador é de provocar, incomodar o aluno para que ele proceda de maneira reflexiva desenvolvendo o processo de abstração e reflexão. Neste processo são realizados os aspectos cognitivos, afetivos e relacionais que na sistemática do aprendizado esses elementos estão inseridos. Abstrair é retirar, absorver algo, aquilo que se assimila e quando estes esquemas não são suficientes ocorre a acomodação e considerando o contexto da E.A. quando ocorre a acomodação do aluno dificilmente ocorrerá uma educação ambiental.

Isso porque, a figura do professor deve revestir-se no papel do monitor, agente multiplicador e transformador, ao contrário da fática figura do professor tradicional, responsável apenas em desenvolver suas atividades outrora, mecânicas. Para tanto, este educador merece autonomia e independência para tal desenvoltura.

Importante vislumbrarmos os pressupostos que inicialmente movimentaram as primeiras manifestações de cunho ambientalista, tendo em vista, a desconsideração da diversidade / pluralidade e leitura de diferentes práticas desenvolvidas que se opõem hoje aos pressupostos do visionário, o chamado “militante” educador ambiental.

Logo, no decorrer da prática educacional ao aplicar as atividades, o professor necessita compreender que o fato do aluno participar de tarefas e executar trabalhos complementares e vivenciar experiências não denota que tenha adquirido uma evolução no seu conhecimento, nesta situação, o aluno apenas detém um conhecimento prático, que não é suficiente para afirmar que este aprendeu ou construiu algum conhecimento, ou seja, a profissão do educador exige uma sensibilidade polivalente de cunho perceptivo, psicológico e técnico

Para RIBEIRO (2002, p.38), a consciência e a realidade não são duas coisas distintas, mas dois elementos que se entrelaçam e não ensejam sentido de consciência sem que sejam consciência de algo, nem há sentido de realidade que não uma realidade percebida, logo, o sentido desta relação, pois o homem e o mundo se dão reciprocamente. O autor cita a teoria de Maslow (Schultz & SCULTZ, 1981; 395) em que toda pessoa traz em si uma tendência inata para auto-realização, considerando o pico da existência humana, o desenvolvimento e o uso de todas as capacidades de realização do potencial.

REIGOTA (1997) afirma que a educação formal, informal, familiar ou ambiental só torna-se completa quando a pessoa atinge seus principais momentos de vida com a autonomia psicológica, agir conforme os seus princípios, viver segundo os seus valores. Há de se convir que só é possível trabalhar com a educação ambiental quando o indivíduo usufrui da sua autonomia intelectual, psicológica, cognitiva e por que não, espiritual para articular meios harmoniosos entre o produto da sua sobrevivência e o ambiente natural, desta forma é possível aliar as interfaces entre diversos ambientes num único contexto, o chamado homem integral.

Em conformidade com a tônica deste discurso, não é possível o desenvolvimento de uma sociedade sem a mudança individual de cada colaborador, seja no âmbito familiar e profissional e neste ínterim, a educação ambiental é um instrumento que auxilia o homem a inquietar-se com relação ao que se faz necessário modificar, ela é dinâmica e não existe uma fórmula para o sucesso absoluto, a mudança comportamental é um fenômeno gradativo, moroso, é a finalidade e destino de cada ser, pois o indivíduo está passível a mudanças constantes para acompanhar às necessidades da vida, para sua sobrevivência e bem-estar.

Ou seja, o homem ainda não atingiu o estado de harmonia entre o desenvolvimento da sociedade e a proteção, manutenção e o respeito justo pela natureza, porém esta é uma finalidade de vida na ordem planetária, a mutação da vida, dos ecossistemas, dos homens e do capitalismo caminham rumo ao crescimento, crescimento este que não sabemos ainda como definir se haverá um desenvolvimento completo e eficaz na sociedade, pois para que ocorra isso, é necessário muito mais do que aplicação de técnicas, teorias e estudos, é necessário um salto quântico de cunho psicológico e espiritual de cada participante da sociedade já que atingimos o pico inverso de desenvolvimento de tecnologia x subdesenvolvimento da natureza.

Educação ambiental e sua interdisciplinaridade

A Política Nacional de Educação Ambiental tem como um de seus princípios o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade, não obstante à teoria, os educadores comumente interpretam a interdisciplinaridade como uma prática de intersecção entre disciplinas ou partes programáticas, assim acontece com práticas de disciplinas com conteúdos afins, este entendimento nos leva a concluir quanto à precariedade que vigora no sistema educacional.

Conforme CASCINO (2007, p. 67) muito além do ideário metodológico convencional a teoria interdisciplinar é mutável, está em constante transformação e em contínua disposição, ampliação e desenvolvimento encaminhando esta concepção para outros níveis, retratando um leque vasto de experimentação e campo de investigação. Exige uma postura reflexiva e pesquisadora a fim de desbravar o incógnito, postura esta que constrói o eixo da função educativa revelada na contínua construção e “desconstrução”. Parte-se do pressuposto de explorar o desconhecido, pois produzir ciência é investir-se nesta condição em pesquisar áreas jamais vistas, a realidade exige esta predisposição a diversos espaços e caminhos; a percepção do novo pressupõe fator imprescindível para uma mudança social eficaz.

A despeito dessas afirmações a interdisciplinaridade surge mais do encontro de partícipes do que de disciplinas; preza pela busca da totalidade do conhecimento respeitando as minudências de cada disciplina, assim como a adoção de uma bibliografia não deve ser definitiva e sim, provisória; é o propósito de discorrer com nossas próprias produções a fim de retirar deste diálogo novos pressupostos; é uma tentativa de provocar o diálogo entre maneiras de conhecimento a que não estamos adaptados, pois a partir desta iniciativa haverá uma interpenetração dessas maneiras.

DIAS (1998) argumenta a educação ambiental como um enfoque interdisciplinar ensejando o conteúdo específico de cada disciplina, de modo que se adquira uma perspectiva global e equilibrada. Através desta ação serão estabelecidas nas práticas educativas e na elaboração do projeto didático-pedagógico a reconstrução dos conteúdos disciplinares e a relação complementar de ambas as partes, ou seja, possibilitará o entendimento na relação “ser-no-outro”; há a compreensão de diálogos originados na própria diferença que valoriza, por conseguinte, a diversidade.

Com efeito, destacamos a importância da educação ambiental bem como da função do educador na formação de novos seres humanos corroborados na intenção de repensar a sua educação a partir de uma reflexão consigo mesmo para reeducar-se e reconstruir-se. Enfim, compreendemos a educação ambiental como um processo competente para a transformação e o despertar de uma nova geração através do compromisso individual e coletivo com o meio ambiente.

O dualismo homem e natureza

De acordo com a ideologia burguesa de natureza que coloca o trabalho do homem como foco central da relação homem e natureza, esta cultura imposta pelo capitalismo separou a compreensão da sociedade e natureza através do domínio agressivo da produção e consumo sobre a natureza. Assim defendia Francis Bacon, a natureza como algo a parte do homem, da sociedade, e sintetizava esta relação através das ações mecânicas do homem utilizadas como meio de exploração.

(...) Os homens vivem como ilhas, e daí vem toda a miséria. Através dos séculos a humanidade tem tentado viver independentemente do restante da existência, mas pela própria natureza das coisas, isso não é possível. O homem não pode ser independente nem dependente. A existência é um estado de interdependência: tudo depende de todo o resto. Não há hierarquia, ninguém está acima ou abaixo. A existência é uma comunhão, um relacionamento amoroso eterno. Essa idéia na qual o homem insiste – de ser superior, especial, mais elevado – cria confusão. O homem precisa não ser nada, precisa dissolver-se na totalidade das coisas. E quando deixamos cair todas as barreiras, a comunhão se faz e essa comunhão é uma bênção. Ser um com a totalidade das coisas é tudo (...). OSHO (2003, p. 13)

Contrapondo-se ao Francis Bacon, Karl Max defendia a interação entre sociedade e natureza, dessa feita, a força motriz desta relação é a força de trabalho, ou seja, as ações mecânicas.

Com a tônica deste discurso emergimos a ruptura propagada através da epistemologia anteriormente abordada, a vertente positivista alimentada pela ciência atual nos leva a rever uma necessidade de transformação perante esta compreensão, o conhecimento e os valores educativos, é preciso “desconstruir o construído” para a adaptação de um novo saber pautado na temática que envolva a natureza, os valores humanos e prática produtiva sustentável.

De acordo com Dentz (2006, p.2), faz-se necessário refletir sobre as posturas e estruturas ideológicas cristalizadas na sociedade contemporânea; os balizamentos epistemológicos que traçam as concepções teóricas e práticas de educação ambiental nas questões pedagógicas, na sustentabilidade econômica, enfim, no processo capitalista. O despertar da prática ambiental necessita basear-se na reflexão filosófica crítica.

Importante notar que, desde os antigos filósofos aos atuais estudiosos da ciência a busca pelo entendimento do Planeta e do Universo são questionamentos que circundam a humanidade até os dias atuais. Tem-se, portanto, a premissa de que o homem, apesar de toda magnitude vivenciada por meio de tecnologia e intelectualidade ainda não conseguiu desbravar as profundezas da natureza; o domínio descontrolado pela extração dos recursos

naturais já tem se revertido contra o próprio homem, que neste contexto, ainda se coloca muitas vezes, como vítima, atribuindo tais fenômenos ao ciclo natural da Terra ou a uma visão religiosa, sendo que em suma, o homem nada mais é do que o seu próprio algoz.

O homem se contradiz ao rotular a natureza como natural, tendo em vista o rótulo social atribuído, a própria noção e denominação “natureza” não é natural por causa da qualificação social, construída pelo homem.

Ora, complementamos este fragmento com a idéia de que toda sociedade cria uma determinada noção do que seja a natureza, em suma, concluimos que toda cultura detém apenas uma porcentagem do conhecimento que caracteriza ser a natureza, pois ela é integralmente inatingível, tamanha complexidade e nobreza. Tem-se, portanto, a frase de Heráclito, pensador da Grécia antiga “*A natureza ama ocultar-se (...)*”.

Conhecer a si próprio para respeitar e agir em prol do Mundo

A intenção deste trabalho é destacar a importância de alguns eixos norteadores que incentivam o despertar do educador ambiental. O indivíduo ao trabalhar o seu *eu* contextualizará na família aspectos deste *eu* e assim, por conseguinte, estes aspectos serão repercutidos na comunidade e na escola, seja através de medidas de prevenção de consumo desnecessário como uma mudança na percepção individual, desta maneira o indivíduo transforma-se naturalmente num catalisador de idéias e soluções, dada compreensão da totalidade e autenticidade, dito isto, suas atitudes se transparecem consistentes e eficazes ao ponto de transformar o ambiente que o cerca, pois o homem não está separado da natureza.

A despeito deste tema CURRIE (2007, p.13) apresenta o discurso de que as crianças devem “pensar globalmente enquanto agem localmente”, nesta frase a obra direciona essa reflexão no contexto da criança, todavia, aplicamos esta idéia numa conjuntura totalitária do ser enquanto cidadão do mundo, o indivíduo enquanto colaborador do bem-estar de uma sociedade e igualmente do meio-ambiente.

No decorrer da constante labuta pela sobrevivência material o homem se dissipou da busca pelos caminhos que o levam para o seu espaço interior, em detrimento da incessante busca por novos caminhos que levam ao crescimento do intelecto e científico, noutros termos, este espaço interno tornou-se um lugar pouco experimentado ou navegado, contrapondo-se ao

Fernando Pessoa, é necessário navegar e vivenciar a própria essência, conhecendo a si mesmo orientando-se para um centro da unidade e realização de nossa totalidade; desbravar a essência a fim de achar uma identidade, a partir desta ação nossas atitudes se integram de maneira coerente e profunda.

É nesta receita que o educador ambiental necessita abarcar para facilitar seu entendimento e propagação de idéias a respeito do mundo externo, o meio ambiente. Antonio Porchia afirma que só tomamos consciência do vazio à medida que o preenchemos, sendo assim, a nossa vida encontra em si um sentido. O profissional com um perfil ecológico deixa-se tocar pelas mazelas dos acontecimentos e questionamentos, está aberto a novas indagações e mudanças, está disposto a aperfeiçoar-se tanto quanto ser humano como um ser profissional da nova era, sem demagogia.

A partir desta premissa Jung (SHARP, 2005; 31) acredita que tudo inerente ao nosso espaço interior de que não temos consciência é projetado automaticamente no mundo externo, em outra pessoa, dito isto, temos a tendência de supor que o mundo é como imaginamos.

Com efeito, retomando a temática ambiental questionamos a dificuldade do educador em revestir-se num papel pleno de consciência nos aspectos individual, familiar e profissional, visto que é comum a prática de ações ambientalistas superficiais e por conta de metodologias conservadoras e tecnicistas.

O propósito em citar o conhecimento de Jung tem uma relação direta com a questão psicológica do indivíduo e a sua projeção no ambiente externo, tendo em vista a visão do cuidar de si mesmo para cuidar do mundo como reflexo espontâneo, uma ação autêntica, pois o Planeta clama pelo nosso despertar, a partir deste princípio conseguiremos obter uma melhor noção da emergente necessidade da Terra, sob a situação caótica pela qual a submetemos em detrimento dos nossos anseios e do imediatismo recorrente na nossa cultura exploradora contumaz dos recursos naturais, ou seja, vivenciamos um paradoxo, mas ainda que tardiamente, podemos reverter e atenuar a violência que o meio ambiente tem sofrido sem um planejamento sustentável e ecológico.

A postura da autenticidade é defendida por OSHO(2003, p.44), cada um pode percorrer qualquer caminho desde que bastando ser sincero e autêntico atingirá qualquer objetivo.

Aquele que pensa, cria, vive o seu pensamento e está envolvido na sua própria experiência porque está corroborado integralmente na causa, esta é a postura de um profissional ao lidar com o meio ambiente e suas peculiaridades.

A natureza é considerada como um sistema complexo, para isso é necessário vislumbrá-la por meio de diversos ângulos, não obstante, alguns estudiosos já visualizam os conflitos ambientais de uma maneira integrada, em contrapartida é notória a ausência de métodos eficazes para inserção da visão holística o que dificulta a sua propagação.

O conhecimento nada mais é do que aquilo que primeiramente foi vivenciado, experienciado para tornar-se uma verdade, do contrário, esta verdade será apenas uma visão ou ilusão de ótica, o educador ambiental trabalha com a percepção do que já sentiu, viveu e está apto a vivenciar novas sensações e situações que o tornam coerentes com as suas práticas.

Há de salientar que este texto não pretende defender a noção de um educador ambiental como um ser perfeito, puro e humanitário, contudo, defende a noção de um ser imperfeito que permeia pela incógnita dos seus questionamentos, mas esforça-se em ter disposição para refletir constantemente a sua postura consigo mesmo, com outrem e consequentemente com o meio ambiente, foco de discussão deste artigo.

Enquanto culparmos alguém, o Governo, o capitalismo ou alguma circunstância pelo que tenha acontecido ou ainda esteja acontecendo, enquanto ainda culparmos algo por como nos sentimos, não encontraremos uma solução eficaz, já que perdemos mais tempo culpando qualquer motivo do que realmente deveríamos executar para haver uma efetiva mudança. Quando assumimos a responsabilidade através de uma ação a solução surgirá como um fator atenuante ou como um resultado de mudança integral.

Em consonância com esta dialética POSSATO (2008, p.23) faz uma referência comparativa entre responsabilidade e coragem, pois estes aspectos se entrelaçam à medida que precisamos agir para atingir o que almejamos, ao fazer o necessário desenvolvemos a coragem de que precisamos para agir com precisão. Para colaborar com a causa do Planeta precisamos modificar a tendência em culpar todos os fatores responsáveis pela calcificação dos desastres naturais, seja pelo desenvolvimento econômico, social e tecnológico, o fato é que introjetamos o medo em assumir a responsabilidade por si mesmo, noutros termos, é bancar-se, agir em prol de si mesmo, do outro e do meio ambiente.

Dessa feita, é comum notarmos a dificuldade que um mestre enfrenta ao trabalhar com a educação ambiental em função da pouca autonomia atribuída e da falta de cumplicidade por parte do sistema organizacional na Instituição de Ensino em que este professor faz parte. A esse respeito, POSSATO (2008, p.24) destaca que precisamos aprender a não colocar a culpa nos fatores externos, apesar de sabermos que o que está fora não está sob nosso controle, assim, percebemos a carência de assumir uma responsabilidade de como vislumbramos as coisas em nossas vidas e quais escolhas fazemos a cada momento; é possível transformar tudo aquilo que está dentro do nosso raio de ação, mesmo não podendo modificar o que está fora dele.

Retomando a idéia da autora outra postura necessária para o mestre é perceber os seus limites e aprender a diferenciar limite de impotência, pois o fato de não persuadir alguém não enseja dizer que é falta de competência ou habilidade, na verdade é apenas o limite. É fato que o educador ambiental deseja provocar o aluno e a comunidade para a sensibilização da consciência ambiental, mas nem sempre este público-alvo estará disposto a ouvir ou colocar em prática o que o mestre propôs modificar. O que realmente importa é que este mestre deve manter-se fiel à sua consciência e ser um modelo através da sua própria ação sabendo que não tem a obrigação de convencer o outro e nem se responsabilizar pela evolução dele, já que dependerá do grau de disposição do outro.

Responsabilidade denota aptidão em elaborar respostas, executar atos e assumi-los, o mínimo que façamos em prol do meio ambiente já se consubstancia numa parcela de mobilização como efeito dominó, no final desta cadeia aquela mínima ação resultará em proporções significativas.

Em suma, a proposta deste texto é incentivar o educador ambiental nas suas ações em toda conjuntura em que está inserido, seja no ambiente familiar, social e profissional, o objetivo deste discurso é fazê-lo notar que para viver uma transformação comportamental é necessário adotar a responsabilidade com coragem por si mesmo e pelo que faz por si mesmo repercutindo em seu meio.

Estudo de Caso

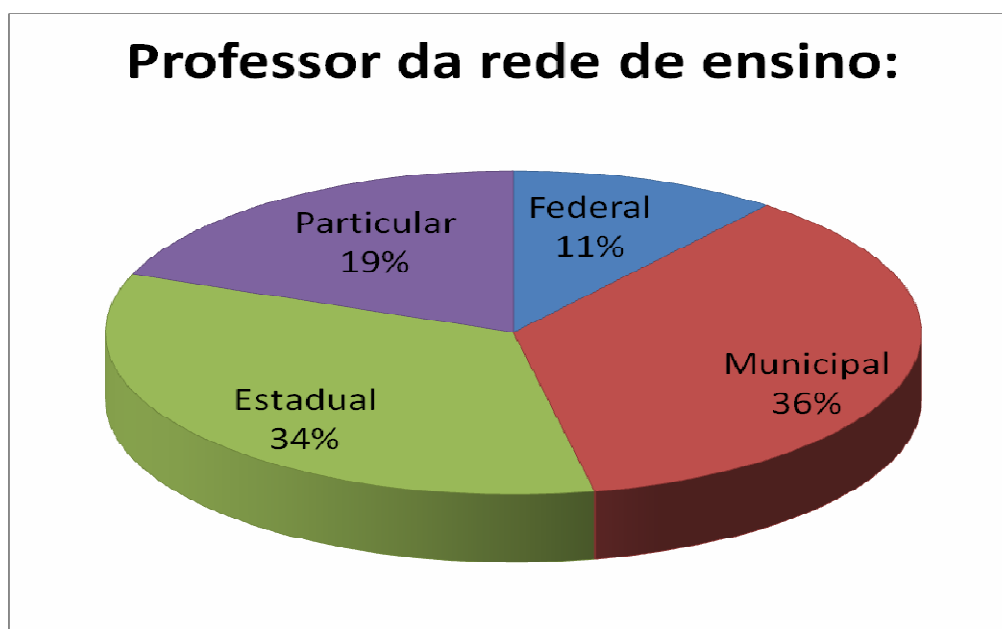
A metodologia adotada para pesquisa de campo foi o questionário qualitativo, realizamos o cruzamento e a observação das informações geradas entre os alunos pesquisados e os fundamentos filosóficos referenciais apreendidos no decorrer da especialização.

O objetivo foi de conhecer a opinião; levantar dados referentes à percepção e postura do educador ambiental em seu ambiente familiar, pessoal e profissional por meio da pesquisa realizada em março de 2009, com 39 alunos do curso de especialização em Educação ambiental para formação de professores, promovido pela Universidade Federal de Sergipe / UFS – Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe – FAPESE, coordenado pela professora Dr.^a Maria Inêz Oliveira Araújo.

Vale ressaltar que os alunos pesquisados são professores da rede de ensino estadual, federal, municipal e particular, a pesquisa foi realizada durante a semana de conclusão das aulas do curso de especialização.

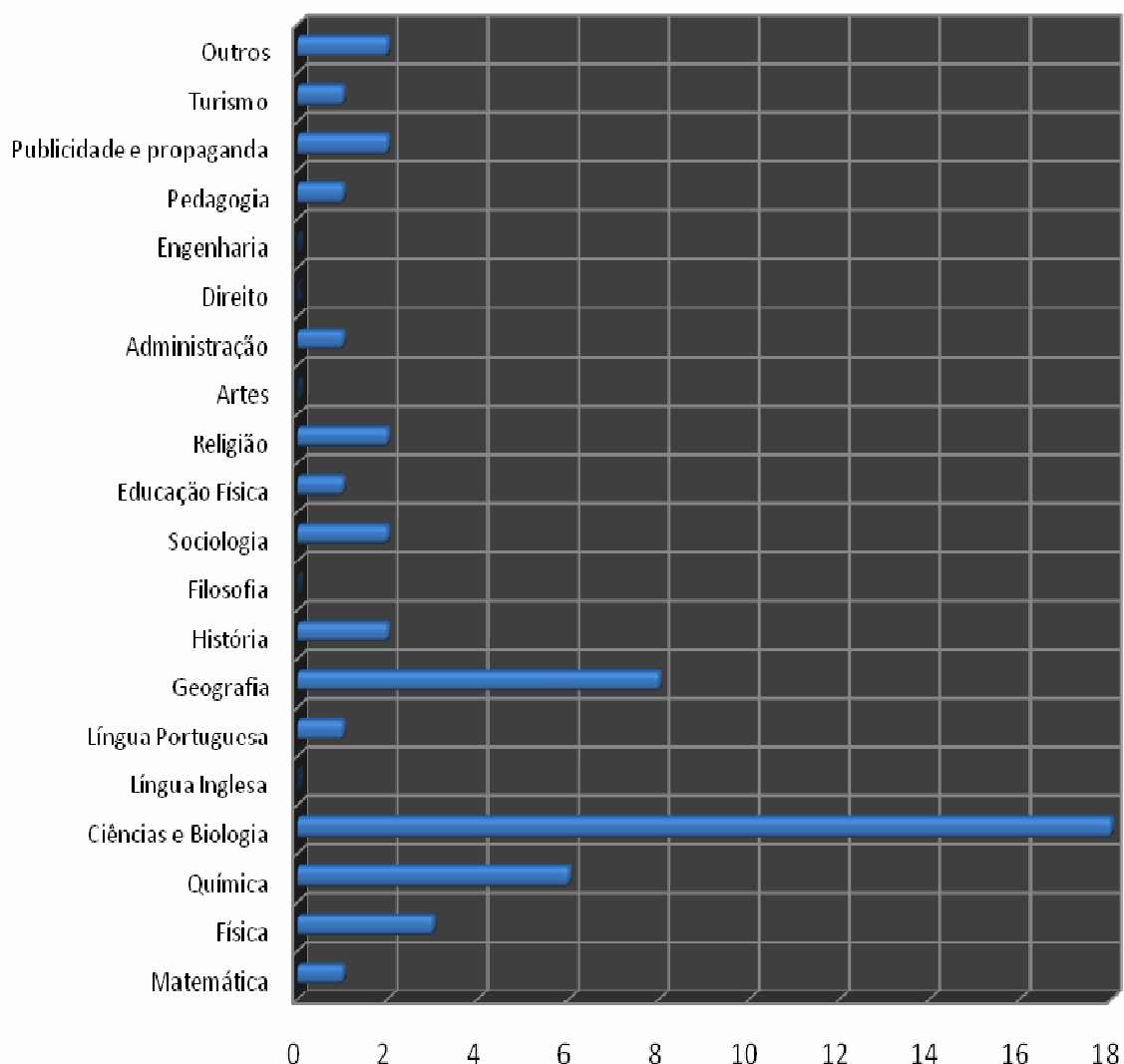
O questionário foi elaborado com 10 questões, 05 fechadas e 05 semi-abertas, há de frisar que as questões semi-abertas serão representadas por meio de gráficos e delimitadas através das considerações numa esfera a parte do gráfico.

A primeira pergunta está representada no gráfico abaixo, dos 39 professores pesquisados 11% ensinam na rede Federal, 19% na rede particular, 34% na rede Estadual e 36% rede municipal.

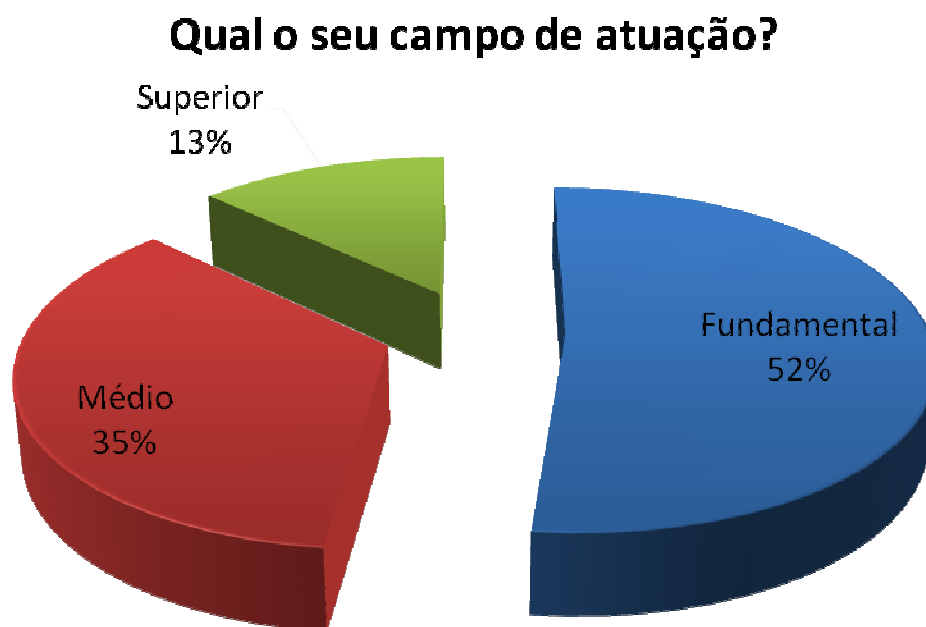


O resultado da segunda pergunta importa em número significativo de professores que lecionam na área de ciências e/ou biologia, em segunda posição está geografia, em terceira posição química, seguidos por física e demais áreas de ensino como sociologia, história, religião, publicidade e propaganda, matemática, pedagogia, administração, educação física, turismo e outras disciplinas.

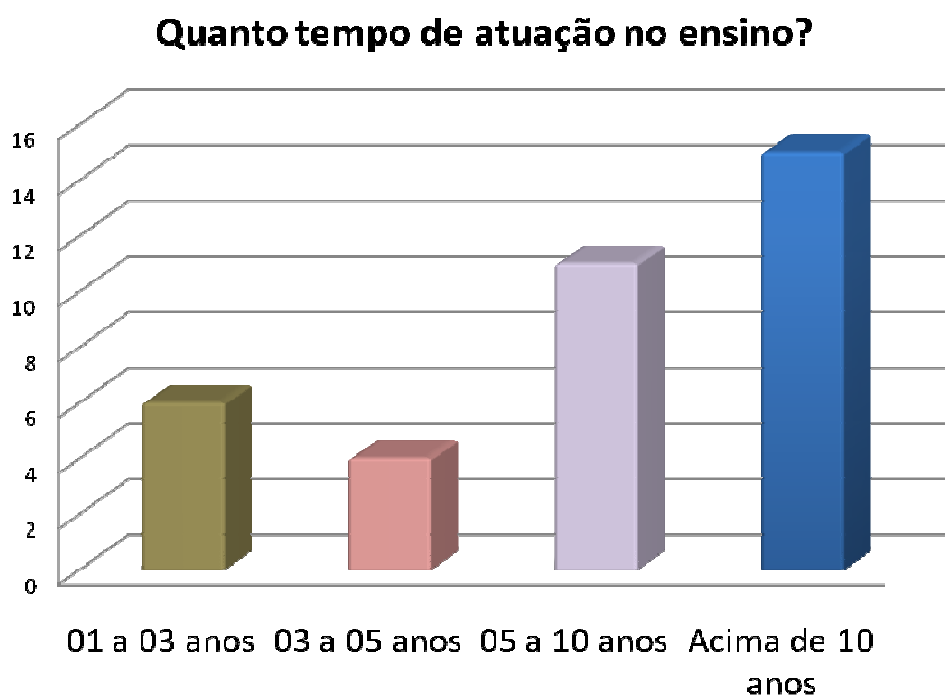
Qual/quais a(s) sua(s) área(s) de ensino?



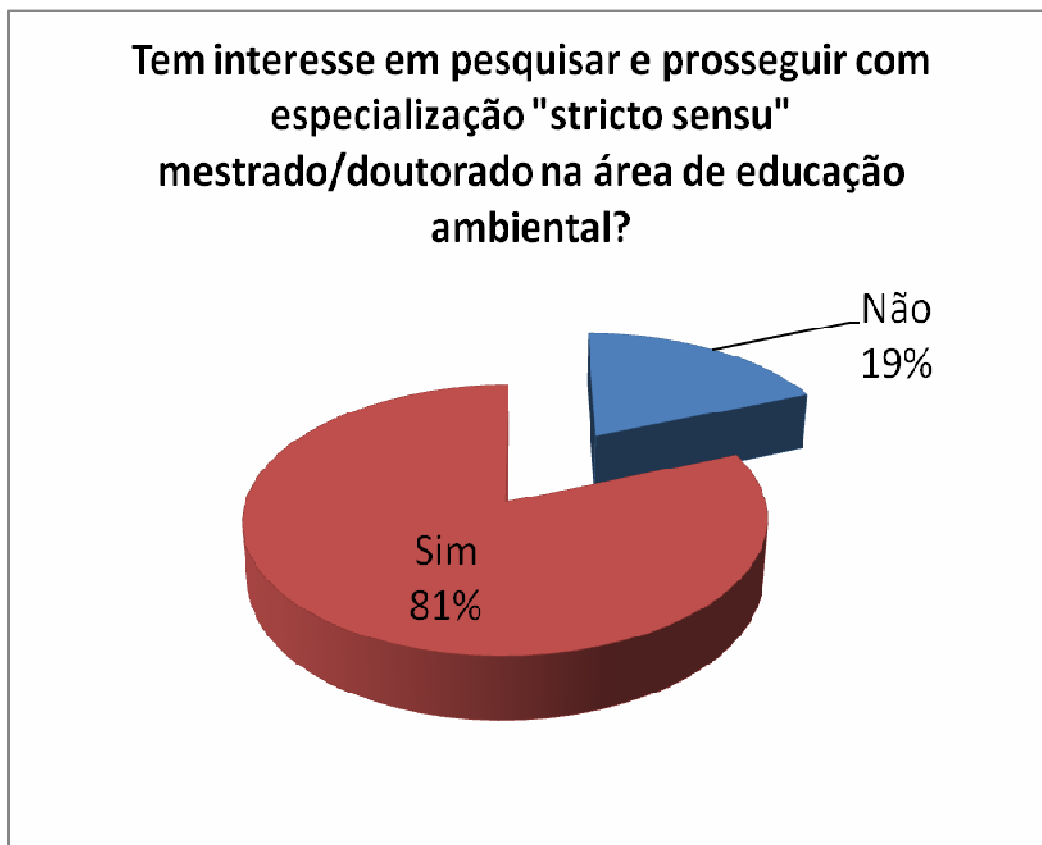
O terceiro item foi questionado sobre o campo de atuação destes alunos – professores, o resultado consistiu em 52% de professores que lecionam no ensino fundamental, 35% no ensino Médio e 13% lecionam no Ensino Superior.



O quarto item revela a porcentagem de professores distribuídos em tempo de atuação de 01 a 03 anos, 03 a 05 anos, 05 a 10 anos e acima de 10 anos. Maioria do corpo docente pesquisado já possui acima de 10 anos e entre 05 a 10 anos de experiência, seguidos do número de docentes que ingressaram na rede de ensino num curto período de tempo entre 01 a 03 anos.



A quinta questão revela o grau de satisfação dos alunos que concluíram o curso de especialização em educação ambiental e pretendem dar continuidade através de mestrado e doutorado. Apenas 19% dos alunos não pretendem percorrer nesta área de pesquisa.



A sexta pergunta aborda sobre a iniciativa do educador ambiental em seu meio familiar e profissional em executar alguma atividade para reduzir o desperdício dos recursos hídricos/energéticos. Por se tratar de uma questão semi-aberta complementaremos as informações coletadas para aqueles que responderam “SIM”. Apresentaremos os seguintes resultados:

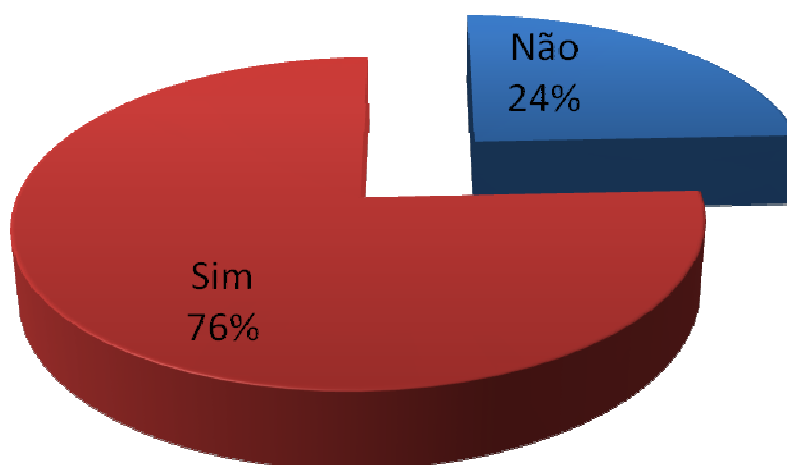
Ações dos alunos-professores pesquisados:

- Conversa não-formal e formal entre familiares e colegas de trabalho a respeito do desperdício de água utilizando como ilustração notícias de jornais;
- Observação e mobilização da família para redução do consumo de energia elétrica e água; cuidados simplificados como manter a torneira fechada, o uso racional no

banho e conserto de vazamentos, contenção de água ao lavar o veículo e ao dar banho no animal doméstico, bem como manter lâmpadas e aparelhos elétricos ligados apenas durante o tempo necessário; utilização de água armazenada em caixa d'água; retirar a tomada da televisão ao não utilizá-la; evitar usar copos, talheres e pratos descartáveis; reaproveitamento de água para o uso na limpeza de banheiros, calçadas e quintais; critério na escolha da descarga para banheiros;

- Apresentação de vídeos em sala de aula inerente à devastação ambiental e à situação atual do Planeta; utilização de dinâmicas em grupos; trabalho de sensibilização por meio de passeatas, cartazes, faixas e palestras para comunidade escolar e externa.

Desenvolve alguma atividade para reduzir o desperdício dos recursos hídricos/energéticos no seu âmbito familiar e profissional?

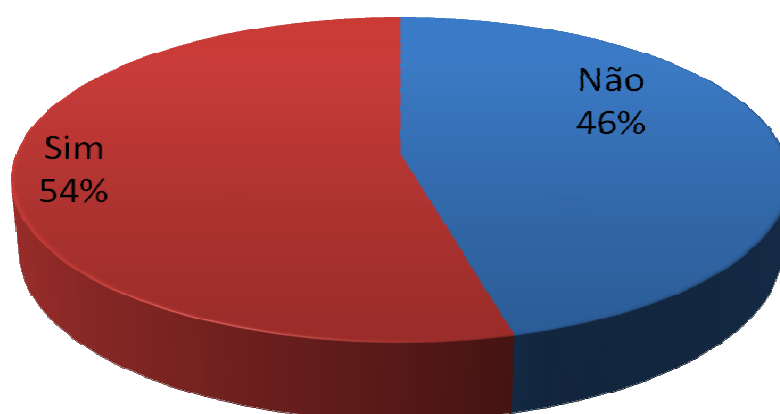


A sétima pergunta enfatiza a prática de coleta seletiva de lixo no ambiente familiar, aos que responderam “SIM”, seguem as respectivas justificativas:

- Tentativa de esclarecer os membros familiares sobre importância da separação do lixo orgânico e inorgânico, tendo em vista a manutenção do meio ambiente, porém, um pesquisado complementou que a experiência em sua casa não deu certo;
- Utilização de restos de material orgânico como adubo;
- A separação de plásticos, papéis e restos orgânicos é direcionada para pessoas que sobrevivem da coleta e reciclagem;
- Separação de lixo orgânico para alimentação de porcos;
- Seleção apenas de latas;
- Guarnição do óleo de cozinha usado para pessoas que fabricam material de limpeza;
- Separação superficial de vidros e plásticos;
- Dois alunos responderam que separam o lixo, porém, no destino final o trabalho é desfeito devido a não conscientização da comunidade que reside no mesmo condomínio residencial, em seguida um dos alunos destacou que seria “*impossível*” conseguir esta prática com a sua vizinhança;
- Uma das respostas foi que a consciência ambiental foi assimilada ao residir em outro local, na região sul, visto a prática intensa da coleta de lixo da população naquela região;
- Uma afirmativa citou que a coleta seletiva não é “bem feita” e que o lixo permanece no mesmo sítio onde reside ou frequenta;
- Outro comentário foi que apesar dos esforços e da iniciativa os garis terminam unindo o material orgânico e inorgânico ao levá-los ao carro de lixo;
- Um depoimento afirma que antes de iniciar o curso de especialização não praticava a seleção do lixo e posteriormente adotou esta atividade;
- Um pesquisado respondeu que no bairro onde reside esta prática é constante;

Observação: Dos pesquisados que responderam “NÃO” apenas 02 comentaram que pretendem praticar a coleta seletiva de lixo.

Já desenvolveu prática de coleta de lixo no seu ambiente familiar?



A oitava questão levanta dados referentes à aplicabilidade do conhecimento adquirido durante o curso na vida individual do educador ambiental, os comentários foram:

- Atualmente está criterioso com relação ao que pretende fazer em diversos aspectos, um pesquisado complementa “Ao tomar decisões que preservem o ambiente estou preservando a minha vida e das pessoas que me cercam”. O mesmo aluno destaca que sua principal mudança foi com sua preocupação em adquirir equipamentos que causem menor impacto ambiental, dentre outras ações;
- Adoção de apenas um copo descartável em ambientes que se utilizam deste artifício durante o atendimento de clientes ou mesmo em festas; também evita adquirir descartáveis no uso doméstico;
- Mudança de conceitos referentes ao consumo pessoal;
- Preocupação com a postura de preservação ambiental em casa, escola e ruas;
- Um pesquisado afirma que a mudança ainda foi consideravelmente pequena, dada a prática ambiental que já desenvolvia anteriormente ao curso;

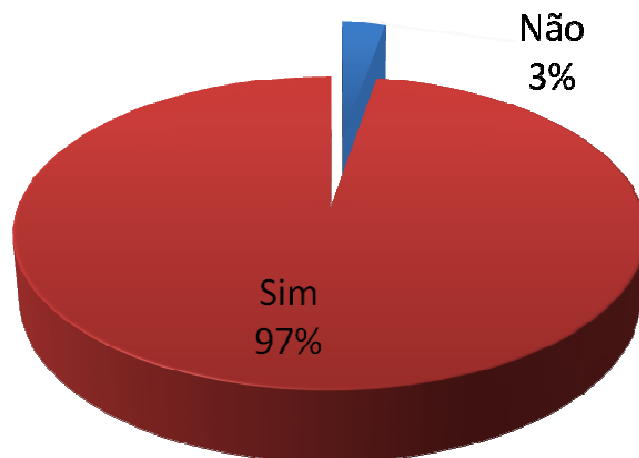
- Apenas 04 alunos atenderam ao propósito deste item, os alunos responderam que passaram a preocupar-se com a forma de encarar a si mesmo, o mundo e a analisar as relações sociais conflitantes, a partir desta mudança de percepção aumentou o interesse pela causa ambiental; a observação da relação causa-efeito modificou a visão de natureza;

Observação: Das 39 pessoas questionadas, 17 foram objetivas em abordar sobre a questão do consumismo, os demais foram redundantes em citar as mesmas respostas da pergunta anterior e subsequente.

Visto a falta de consciência ambiental cristalizada nos homens, as respostas dos alunos não fugiram ao tema e tem uma relação direta com a preservação ambiental, mas o propósito da pergunta foi de observar o nível de percepção dos alunos inerente à preocupação consigo mesmo, com a visão pessoal que tem de si mesmo e a sua relação com o seu ambiente externo, foi visivelmente constatado a noção positiva, mesmo que ainda superficial.

Este quadro não se consubstancia num resultado negativo, tendo em vista o primeiro passo dado através das ações de ordem ecologicamente correta, já é o caminho para posteriormente o ser humano também preocupar-se com os seus valores mais profundos e concluir que sua natureza interna tem uma relação direta com a construção do mundo onde habita.

A partir do conhecimento adquirido no curso de educação ambiental, o que você modificou em si mesmo?



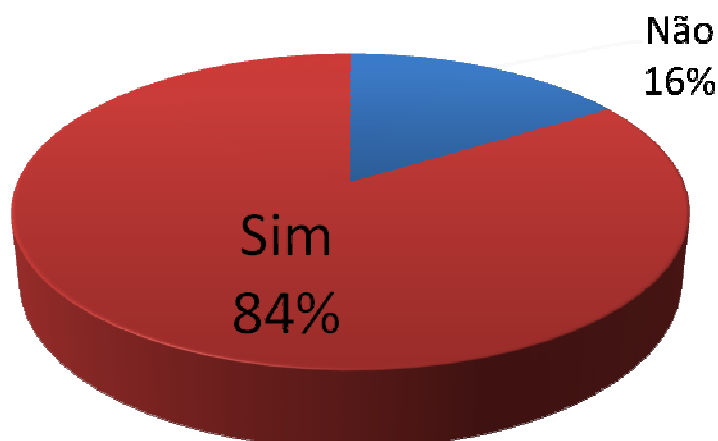
A nona questão é semelhante à pergunta referente à coleta seletiva de lixo, mas não é específica e sim genérica, abre um leque para vasto número de discussões concernente a mudança de comportamento entre o indivíduo e os membros familiares do mesmo espaço através do conhecimento adquirido com o curso de especialização.

Muitas respostas foram idênticas comparadas às respostas da sétima e oitava questão, atendo-se às medidas de prevenção com relação ao consumo, com exceção destes comentários:

- Conversa não-formal com os familiares a despeito do conteúdo filosófico discutido em sala de aula;
- O aluno respondeu que apesar da dificuldade, procura interagir com as pessoas com quem convive passando informações construtivas, pois sabe da responsabilidade mesmo que as transformações ainda sejam mínimas;

Observação: Dois alunos responderam “NÃO” justificando a alternativa pelo fato de seus familiares combaterem as suas atitudes de mudança denominando-os de “*chato*”.

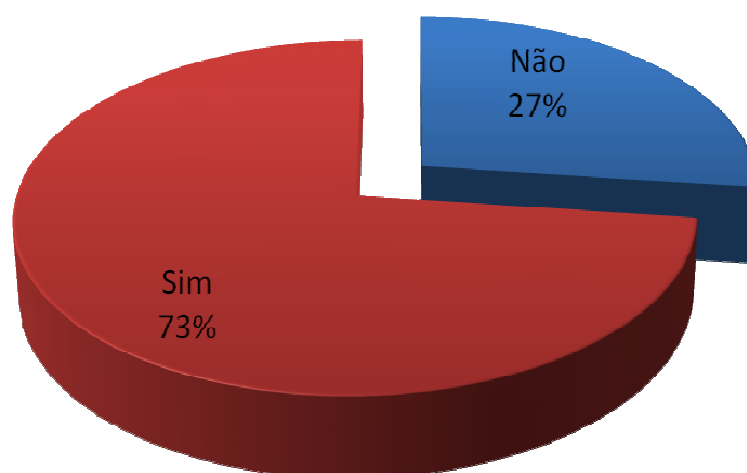
Utilizando os conceitos e teorias apreendidos no curso de pós-graduação em educação ambiental para formação de professores, você contribui para a modificação do seu ambiente familiar?



Finalmente, a décima questão. Fala sobre a contribuição do aluno-professor para modificar o ambiente profissional, levando em consideração o conteúdo das discussões geradas em sala de aula durante a especialização, as respostas foram:

- “Os próprios professores são ainda piores que os alunos”;
- Desenvolve vários projetos ou ações pedagógicas envolvendo esta temática;
- Não se sente preparado para enfrentar estes desafios até o momento;
- Passou a abordar a temática ambiental com maior intensidade em sala de aula;
- Questiona a mudança metodológica para poder integrar a educação ambiental na grade curricular;
- Trabalha de forma tímida com pequeno número de discentes;
- Aprendeu a respeitar as diferentes opiniões;
- Outro pesquisado se mantém positivo, considera-se multiplicador do conhecimento adquirido para conquistar novos aliados;

Utilizando os conceitos e teorias apreendidos no curso de pós-graduação em educação ambiental para formação de professores, você contribui para a modificação do seu ambiente profissional?



CONCLUSÃO

A despeito desta pesquisa sinalizamos o início da caminhada do professor com as questões ambientais a partir do princípio de que a educação ambiental é um meio para a transformação social, neste ínterim o curso de especialização foi fundamental ao oferecer subsídios teóricos para atuação destes profissionais.

Tendo como pressuposto os resultados obtidos do estudo de caso destacamos o grau de satisfação do corpo discente e pós-graduandos em “Educação ambiental para formação de professores” do curso promovido pela FAPESE e UFS, com 81% dos pesquisados dispostos a prosseguirem seus estudos e pesquisas no âmbito da educação ambiental; o perfil dos alunos delineado por esta pesquisa fez um total de 36% composto por professores da rede de ensino estadual, seguidos por 34% da rede de ensino estadual, 19% da rede particular e 11% de educadores da rede de ensino federal; também salientamos o número significativo de professores egressos do curso que lecionam na área de ensino em ciências e/ou biologia, seguidos de geografia e química; foi comprovado que 52% dos professores – alunos do curso de pós-graduação atuam no campo do ensino fundamental, seguidos do ensino médio com 35% e superior com apenas 13%, e maior porcentagem atuante no mercado de trabalho há mais de 10 anos.

Foi constatado um resultado favorável no sentido do curso ter despertado por meio de conteúdo epistemológico e filosófico noções e medidas de prevenção em prol do meio ambiente com uma porcentagem positiva de 84% do corpo discente que já promoveu alguma atividade para modificação de hábitos de consumo no ambiente familiar e no seu ambiente profissional, com 73% dos pesquisados.

Por outro ângulo podemos arrematar outra vertente visto o amplo leque que o tema da educação ambiental preconiza, uma delas é a necessidade do ser humano iniciar também a sua caminhada em busca do seu referencial interior, o resgate desta identidade proporcionará o fio intermediário entre o homem e a natureza. No momento o início da caminhada é adotar medidas mínimas e imediatas como algumas ações cotidianas de contenção dos recursos energéticos que já são imprescindíveis, mas ainda muito aquém do nível de conscientização que o ser humano e a sociedade necessitam adquirir para entender e atender ao chamado da NATUREZA.

Esta postura é necessária tendo em vista a relação direta com a questão psicológica do indivíduo e a sua projeção no entorno onde habita, o cuidar de si mesmo para cuidar do mundo como uma ação autêntica, pois a natureza urge pela nossa transformação interna, uma evolução transpessoal, já que submetemos os recursos naturais aos caprichos do nosso consumismo em detrimento de uma frustração também emocional do nosso cotidiano, o imediatismo predomina, visto a cultura onde fomos gerados num período onde a tecnologia e o desenvolvimento econômico atingem o auge, numa relação inversa ao declínio do bioma do Planeta, ainda que tardiamente, poderemos reverter e atenuar estas atrocidades contra o meio ambiente.

Dentro desta perspectiva, precisamos assumir a postura da autenticidade, pois apesar de toda resistência e dificuldade encontrada neste processo de caminhada, mais vale uma única ação do que nenhuma. Já estivemos num estágio muito mais letárgico do que nos encontramos hoje, retardatariamente, vimos a necessidade de mudar nossos padrões comportamentais gerados pelos propósitos materiais, nos encontramos num processo de “engatinhamento” por meio de ações como coleta de lixo seletivo, reciclagem, contenção de energia e água, bastante válidas, porém, ainda aquém do que necessariamente o Planeta carece.

Toda ação já é válida, basta termos a mesma humildade com que iniciamos o processo gradativo de desenvolvimento tecnológico, agora, necessitamos desenvolver nossa criatividade, superar desafios e limites para que possamos encontrar meios mais eficazes a fim reduzir os estragos que ingenuamente ou gananciosamente contribuímos.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, S, O. Ana Maria. **Relação homem/natureza no modo de produção capitalista.** p.1-2, 2002.
- FLICK, P. Maria Esther. **Educação ambiental e formação de professores.** Disponível em www.cenedcursos.com.br. Acesso em: 25 jul. 2009.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1997.
- SHARP, Daryl. **Conhecendo a si mesmo: o avesso do relacionamento.** São Paulo: Paulus, 2005
- DENTZ, V. Claudir. **Educação ambiental, epistemologia e o problema dos fundamentos.** p.2. 2006. Disponível em <http://www.assevim.edu.br/agathos/2edicao/claudir.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2009.
- CURRIE, L. Karen. **Meio ambiente: interdisciplinaridade na prática.** Campinas- SP: Papyrus, 2007.
- CASCINO, Fabio. **Educação ambiental: princípios, história, formação de professores.** 4 ed. – São Paulo: Ed. Senac, 2007.
- GOMES, B, K. Maisa (Org.). **Relação professor-aluno: contribuição prática pedagógica.** Maceió/AL: EDUFAL, 2002.
- POSSATO, Lourdes. **Equilíbrio emocional: Como promover a harmonia entre pensar, agir e sentir.** São Paulo: Lúmen, 2008.
- OSHO. **O livro da transformação: histórias e parábolas das grandes tradições espirituais para iluminar sua vida.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.